

O ABRASAMENTO DA MEMÓRIA: UMA CONFLAGRAÇÃO REAL E METAFÓRICA

Raiany Eduarda Silva¹ (IC), Paulo Cezar Nunes Junior (PQ)¹

¹ Universidade Federal de Itajubá.

Palavras-chave: Fogo. Imagens. Instituições de memória. Memória.

Introdução

Quando conflagrações se tornam parte integrante das instituições brasileiras, inúmeras postagens aludindo à ausência de estruturas culturais e políticas que preservem a identidade nacional são feitas, assim como a cobrança de ações governamentais. Dentre as publicações, revela-se a abundância de fotografias do determinado incêndio ocorrido, como também o resgate daqueles que já ocorreram, revelando uma conjunção entre memória brasileira, fogo e fotografia.

Apesar da suscetibilidade e finitude da matéria, nota-se que a destruição das instituições de conservação de memória brasileiras e, conseqüentemente, dos arquivos e documentos histórico-culturais, pouco relaciona-se com o desgaste temporal, estando diretamente associada ao despreparo no que tange o combate aos incêndios que consomem as construções nacionais há séculos, fenômeno este corroborado por fotografias incendiárias, nas quais a imagem do fogo é agente capaz de embevecer e integrar o imaginário coletivo, além de revelar a crise de memória do Brasil. Basta verificar a constância em que as chamadas consomem as diversas instituições nacionais emblemáticas para compreender tal afirmação: Museu da Arte Moderna em 1978 e 1982, Museu da Imagem e do Som em 1981, Centro Cultural São Paulo em 2007, Teatro Cultura Artística em São Paulo em 2008, Instituto Butantan em 2010, Museu da Língua Portuguesa em 2015, Museu Nacional em 2018 e muitas outras construções fundamentais à preservação cultural do Brasil que foram quase inteiramente destruídas pelo fogo (BOCHNER, 2018).

Na trajetória de eventos do gênero envolvendo instituições culturais no Brasil, chama a atenção, particularmente, o caso da Cinemateca Brasileira, a qual registrou ocorrências de incêndio em 1957, 1969, 1982, 2016 e, novamente, em 2021. A reincidência do abrasamento sobre essa entidade, bem como a perda recorrente de importantes obras e documentos audiovisuais que salvaguardavam a riqueza cultural e histórica brasileira, revela, de modo ainda mais trágico, o quão frágil são as políticas públicas de proteção ao

patrimônio e à identidade nacional no Brasil.

No entanto, as chamadas de uma deflagração são elementos oscilantes, representam dinamicidade e, como tal, apresentam interpretações distintas, pois, à medida que o fogo extingue parte do acervo das instituições de preservação de memória, ele relaciona-se à própria memória. Fundamentada nessa interpretação de mundo, a presente iniciação científica objetiva estudar a relação existente entre imagens incendiárias e a preservação e desmantelamento da memória sócio-histórica brasileira. Mediante o resgate de imagens e fotografias de incêndio, que estão temporalmente distantes umas das outras, a construção, desconstrução, manipulação e, sobretudo, conservação da memória histórica do país são pensadas através de estudos de Warburg, Sontag (1977), Dubois (1998) e Didi-Huberman (2004). Assim, será ilustrado o papel que as imagens incendiárias empreendem nas crises entre indivíduo e memória, bem como será entendido como as repetições de incêndios nas instituições, em especial na Cinemateca Brasileira, revelam a perda da identidade nacional.

Metodologia

O presente trabalho configura-se como uma pesquisa de natureza qualitativa, exploratória e bibliográfica, que, diante da revisão de literatura científica e da pesquisa de fotografias na internet (reportagens eletrônicas, em sua maioria), busca compreender o abrasamento da memória no Brasil, a partir do microcosmo “Incêndio na Cinemateca”. Haverá a construção teórica das imagens como memória e experiência mediante a metodologia de Aby Warburg acerca da sobreposição de fotografias que, segundo Antón-Barco (2014), é capaz de estabelecer uma interlocução entre passado e presente. Há, portanto, o uso de uma prancha no contexto de imagens incendiárias, onde estarão relacionados elementos como fogo e cinzas à luz e sombras nas fotografias em preto e branco (P&B), bem como seus vínculos com a memória e com o esquecimento.

Segundo Susan Sontag (1977), as imagens são capazes de guardar e ressuscitar eventos - memórias,

sentimentos, pensamentos, ações -, sendo, portanto, importantes ferramentas para registro - mesmo que momentâneo - da experiência. Nesse viés, a compreensão de imagens como linguagem para apreensão do real estabelece o saber-imagem descrito pela Forma Atlas, metodologia proposta por Aby Warburg e conveniente para a pesquisa em tela. Desse modo, a revisão bibliográfica de autores como Susan Sontag, Didi-Huberman e Phillipe Dubois, serão trazidas de modo a respaldar a leitura das imagens como um processo capaz de ressignificar a realidade - ainda que uma fração e não o todo - e capturar experiências, em especial as de incêndios que acometeram as instituições de salvaguarda da memória nacional.

Encaminhando-se para o desfecho do trabalho, será discutido o fogo como elemento dualístico, já que esse queima o passado, mas também mantém nosso imaginário ligado a ele. Para finalizar, realizar-se-á análises e reflexões sobre as causas dos incêndios, o descaso governamental, a passividade social e a certa normalização sócio-histórica dos incêndios por parte dos brasileiros.

Resultados e discussão

O Andar das Chamas

Assegurando a hipótese de que o perecimento da identidade brasileira é legitimado, permitindo, então, que a conflagração de memória nacional seja tanto metafórica quanto real, a presente iniciação científica dispõe de elementos que compõem um inventário dos incêndios que acometeram as instituições de preservação da memória. Assim, ao revisitar o século XX e o início do século XXI para constituição do estado da arte dos monumentos codificantes da memória coletiva que arderam em chamas, encontra-se uma esfera prolífera em relação à impotência brasileira diante da irreversibilidade do fogo.

No estado do Rio de Janeiro, apresenta-se à realidade inúmeros incêndios que destruíram boa parte da história brasileira. Em 1969, no Palácio do Catete, que abrigava o Museu da República no Rio de Janeiro, viu-se consumido por chamas. Não só este, mas também as conflagrações do Museu da Imagem e do Som (MIS), em 1981, o Museu de Arte Moderna (MAM - RJ), em 1978 e 1982, e o antigo Museu do Índio, no Maracanã, em 2013, constituem um passado desolador no que diz respeito a preservação da cultura brasileira na capital carioca. Para além dos museus, nota-se o abandono deliberado da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ): incêndios na Capela São Pedro de Alcântara, em 2011; na Faculdade de Letras, em 2012; no Centro de Ciências da Saúde (CCS), em 2014 e no oitavo andar

prédio da Pró-Reitoria de Gestão e Governança, em 2016. Em 2018, a tragédia prenunciada há anos efetuou-se: o Museu Nacional, criado em 1818, ardeu em chamas. Cerca de 20 milhões de itens não existem mais e nem poderão ser recuperados (GONÇALVES, 2018).

No estado de São Paulo, constata-se que o cenário agressivo às instituições de salvaguarda da memória nacional não se distingue. As chamas tomaram edificações como o Centro Cultural São Paulo em 2007, o Teatro Cultura Artística em São Paulo em 2008, o Instituto Butantan em 2010, o Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), em Campinas, e o Auditório Simon Bolívar - que faz parte do Memorial da América Latina - em 2013, o Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo em 2014 e o Museu da Língua Portuguesa em 2015. Além disso, as conflagrações da Cinemateca Brasileira nos anos de 1957, 1969, 1982, 2016 e 2021 descortinam uma realidade assombrosa: uma maneira sutil de promover o apagamento do passado de um povo e, conseqüentemente, liquidá-lo.

Cinemateca Brasileira à Baila das Chamas da Negligência

Figura - Pracha “Abrassamento”



Fonte: autoria própria.

Fundada em outubro de 1946, a Cinemateca Brasileira constitui o maior conjunto de filmes da América do Sul, além de possuir “vasto acervo documental (textuais, fotográficos e iconográficos) sobre a produção, difusão, exibição, crítica e

preservação cinematográfica” (CINEMATECA BRASILEIRA). Tendo sua sede localizada na Zona Sul de São Paulo, e pontos satélites dispostos ao longo de São Paulo, utilizados como depósitos para o acervo, sua importância superpõe-se ao conjunto de bens que preserva, tendo em vista que a instituição também é responsável por promover o conteúdo audiovisual no país.

A ausência de pertencimento da Cinemateca Brasileira dentro das entidades federais é uma constante desde sua criação, o que é refletido na quantidade de reincidências dos incêndios na instituição, vide o descaso com o qual é tratada.

Criada como Clube de Cinema em 1940, foi fechada pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) do governo Vargas em 1941, sendo (re)inaugurada somente em 1946. Incorporada ao Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP) em 1949, passou de associação privativa a departamento de uma instituição privada. Em 1956, torna-se uma entidade autônoma, a associação civil Cinemateca Brasileira, e, em 1957 arde em chamas pela primeira vez devido à autocombustão dos rolos de nitrato de celulose que eram armazenados. Para receber auxílio do Governo de Estado de São Paulo, a Cinemateca se torna uma entidade pública em 1961 (FERREIRA, 2020; SADLER, 2021; SOUZA, 2009). Em 1962, para aumentar a difusão do cinema, criou-se uma associação civil denominada Sociedade dos Amigos da Cinemateca (SAC). Em 1984, a Fundação Cinemateca Brasileira é incorporada ao Ministério de Educação e Cultura (MEC) através da Fundação Nacional Pró-Memória (FNPM) e, a partir de então, a instituição passou a padecer dos trâmites de idas e vindas a cada ciclo de gestão.

A ausência de pertencimento da Cinemateca Brasileira dentro das entidades federais fez-se contínua por mais de décadas, sendo passada de instituto a instituto, ministérios a ministérios, o desfecho atual da instituição é lastimável. Tendo sido incendiada em 1957, 1969, 1982, 2016 e 2021, atualmente, mesmo sendo uma instituição de preservação cultural, é responsabilidade do Ministério do Turismo (MTur), sendo administrada pela Secretaria do Audiovisual (SAv), a qual, por sua vez, é subordinada à Secretaria Especial de Cultura (SEC) – que por sua vez, responde ao MTur -. Este trâmite político, dentre outros indicadores, revela a visão do atual governo: a de que a cultura, as produções audiovisuais e a cinematografia não suplantam o campo econômico, sendo sua totalidade reduzida à simples técnica de movimentação monetária.

Claramente, a passagem do fogo pelas instituições de preservação de memória deixa uma queimadura profunda que ainda levará tempo até

cicatriz e, como tal, será vestígio daquilo que a inércia mediante à queima da memória é capaz de provocar.

Conclusões

Tendo como alicerce os estudos de Aby Warburg, Susan Sontag e Phillipe Dubois acerca da leitura das imagens, nos quais estas são compreendidas como mecanismo útil ao diálogo transversal na - e para a - sociedade, o presente trabalho utiliza-se, principalmente, da indicialidade e da sobreposição de imagens para a apresentação de fotografias P&B como uma coleção de memórias e eventos, onde brasas e cinzas são relacionados à luz e sombras, revelando o vínculo entre o que é lembrado e o que é, deliberadamente, esquecido.

Tal narrativa imagética é composta, sobretudo, pelos incêndios ocorridos na principal instituição de preservação do patrimônio audiovisual e cinematográfico brasileiro: a Cinemateca Brasileira. A entidade em questão, bem como as demais instituições culturais, estão à deriva no que tange a conservação e a manutenção de seus acervos. O estudo de sua trajetória confirma o que a prancha expõe: que a falta de clareza do processo de gestão da cultura no país é sintomática, resulta na conflagração real e metafórica da memória: enquanto a primeira relaciona-se aos incêndios, a segunda diz respeito à conturbação no imaginário sociocultural. A ausência de um ministério, de recursos específicos e de um fundo de financiamento do patrimônio revela uma governança da cultura do Brasil que é, sobretudo, negligente.

A imobilização do aparato governamental é corroborada pelo descaso com o armazenamento dos acervos. No que diz respeito aos rolos de filmes de nitrato e acetato armazenados pela Cinemateca Brasileira, tal abandono é percebido quando os filmes, em oposição a sua relevância para a preservação da memória e como estopim para uma transformação revolucionária na sociedade, configuram-se também como bomba capaz de queimar a própria memória, o que se dá em razão da ausência do cuidado para com sua proteção e preservação.

Ademais, através da permanência das fachadas das instituições de memória enquanto os acervos são destruídos evidenciam que a crise de memória do Brasil é escondida sob o retrato imaculado de uma conduta governamental que incendeia a memória e ainda assim tenta ocultar a perda resultante dos incêndios que atingem as instituições. Nesse sentido, o fogo deve surgir como elemento transformador que promova a cobrança acerca de políticas públicas para a preservação da identidade brasileira.

Assim, na prancha analisada, a clareza apresentada pelo fogo atrai a visão do leitor, é índice que torna conhecidas as conflagrações das instituições brasileiras, expõe a efemeridade da história e da cultura e revela o descaso para com a memória nacional, vide as instituições marginalizadas pelo governo. É nesse viés, que se faz útil a compreensão de que a cobrança de ações governamentais é fundamental para a preservação e conservação da identidade brasileira. É neste que essa pesquisa se justifica: na intenção de soprar a brasa de cada leitor, para que se acenda a chama de um fogo de reconstrução e transformação da cultura enquanto força que impulsiona a humanidade.

Agradecimento

Ao Professor Paulo Cezar Nunes Junior, por ter me apoiado durante a pesquisa em um contexto que ultrapassou a orientação meramente acadêmica.

Aos meus colegas de projeto, que me motivaram mesmo nos dias mais difíceis.

Ao CNPq, pelo apoio financeiro para o desenvolvimento deste projeto.

Referências

ANTÓN-BARCO, M. El mito de la memoria: Aby Warburg y el Atlas Mnemosyne. **Constelaciones**. Madrid, n. 2, p. 45-55, maio 2014.

BOCHNER, R. Memória fraca e patrimônio queimado. **RECHS – Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 13, p. 244-248, jul./set. 2018.

BRITTO, A. C. N. A Medicina Baiana nas Brumas do Passado. Salvador: Contexto e Arte Editorial, 2002.

CARVALHO, L. C. De. Conheça o Prédio na Rua 7 de Abril Onde Nasceram O Masp, O Mam, A Cinemateca E Outros Espaços Culturais. **A Vida no Centro**, 2020. Disponível em: <https://avidanocentro.com.br/blogs/predio-7-de-abril-museus-espacos-culturais/>. Acesso em: 17 mar. 2022.

CECHINEL, F. M. Paratexto: fogo, fumaça e cinza. **Outra Travessia (UFSC)**, Florianópolis, v. 1, n. 29, p. 103-116, 2021.

CINEMATECA BRASILEIRA. Disponível em: <https://www.cinemateca.org.br/>

DIDI-HUBERMAN, G. **A imagem arde**. 2004.

DUBOIS, P. **O Ato Fotográfico e Outros Ensaios**. Campinas: Papyrus Editora, 1998.

FERREIRA, F. M. de O. **A Cinemateca Brasileira e as políticas públicas para a preservação de acervos audiovisuais no Brasil**. 2019. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2020.

FOGO QUEIMA 2 MIL FILMES. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, 20 fev. 1969. Disponível em: [\[0013-999-13-not\]\(https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19690220-28793-nac-0013-999-13-not\). Acesso em: jan. 2022](https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19690220-28793-nac-</p></div><div data-bbox=)

GONÇALVES, J. O museu está morto. Viva o museu! [Debate]. **Revista Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 10, n. 25, p. 515 - 522, jul./set. 2018.

LEITE, E. Fogo já destruiu vários acervos no Brasil. **Acervo Estadão**, 2018. Disponível em: <http://m.acervo.estadao.com.br/noticias/acervo.fogo-ja-destruiu-varios-patrimonios-no-brasil.70002486333.0.htm>. Acesso em: 17 mar. 2022.

MACIEL, J. C. De S. Atlas mnemosyne e saber visual: atualidade de Aby Warburg diante das imagens, mídias e redes. **Revista Ícone**, Recife, v. 16, n. 2, p. 191-209, set. 2018.

MANIFESTO OF THE WORKERS OF THE CINEMATECA BRASILEIRA. **Black Camera: An International Film Journal**, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 592-594, 2021.

PACHECO, C. Tomado pelas chamas: incêndios marcaram a história do Mercado Modelo. **Correio 24 Horas**, 2020. Disponível em: <https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/tomado-pelas-chamas-incendios-marcaram-a-historia-do-mercado-modelo/>. Acesso em 17 mar. 2022.

RUBIANO, E. La experiencia sustituida: hacia la construcción tecnológica de la nostalgia. **Palabra Clave**, Chía, v. 16, n. 2, p. 541-558, ago. 2013.

SADLIER, D. J. The Taking of the Cinemateca Brasileira, **Black Camera: An International Film Journal**, v. 12, n. 2, p. 591-610, 2021.

SANTOS, A. de. S.; AZEVEDO, D. P. A fotografia-documento e a importância de saberes especializados dos profissionais da informação para a memória. **Informação em Pauta**, Fortaleza, v. 6, n. especial, p. 141-158, mai. 2021.

SONTAG, S. **Sobre Fotografia**. São Paulo, Companhia das Letras, 1977.

SOUZA, C. R. R. de. **A cinemateca brasileira e a preservação de filmes no Brasil**. 2009. Tese (Doutorado em Estudo dos Meios e da Produção Mediática) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

TAPOROSKY FILHO, P. S. Fahrenheit 451 e o Museu Nacional: o fogo que queima o saber histórico. In: COLÓQUIO DE DIREITO E ARTE DA UFSC: DISCURSOS, IMAGENS E TRANSDISCIPLINARIDADE, 3. 2018, Florianópolis. **Anais [...]**. Florianópolis:UFSC, 2018. p. 37-50.